

no vertice uma pequena esfera irregular e tres iguaes a esta na base, dispostas em fôrma de triangulo.

A face externa da folha apresenta uma excavação de millimetro e meio de profundidade, com a fôrma de folha lanceolada, limitada por tres sulcos que formam dois cordões recortados em fôrma de espinha de peixe, de côr amarella, que parece ter a mesma origem que a da taça, uma lamina de ouro delgada, intimamente unida á parte da verga, que espalmada a martelo deu as duas folhas, com que foi ornamentado o bracelete, que me parece ser differente dos que até hoje tenho visto descritos. Vid. fig. 5.^a

Moedas romanas.—Dentro da taça, juntamente com o bracelete, achou o trabalhador do Ex.^{mo} Sr. José Carlos muitas moedas, de que fizeram aquisição alguns colleccionadores d'esta villa e curiosos d'aqui e de algumas povoações do concelho, para alfinetes e botões de punhos.

Quasi todas as que vimos são do tempo da republica romana e pertencem ás familias: Annia, Aeilia, Aemilia, Cassia, Claudia, Cornelia, Calpurnia, Julia, Junia, Licinia, Lelia, Pompeia, Postumia, Servilia, Sicina, Thoria, Vibia e outras mais.

Todas são muito perfeitas, de boa prata e da classe dos *denarii*.
Villa Real de Trás-os-Montes, 31 de Outubro de 1908.

HENRIQUE BOTELHO.

Nota ao artigo precedente.—Cumpre-me acrescentar ao que fica dito no artigo anterior que tanto a taça como o bracelete e alguns dos *denarii* pertencem hoje ao Museu Ethnologico Português, mercê da dedicação do illustre autor do artigo. O Sr. Dr. Henrique Botelho tem sido incansavel em obter objectos archeologicos para aquelle Museu, que lhe deve muitas preciosidades de toda a especie (joias de ouro e prata, lapides epigraphicas, ceramica, instrumentos prehistoricos, moedas, etc.). Mais uma vez lhe tributo os meus sinceros agradecimentos.

Lisboa, 3 de Novembro de 1908.—J. L. DE V.

Memoria sobre o concelho de Sabugal

Excerptos

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xiv, 297)

Raras serão as villas do país, que offereçam aos visitantes curiosos, aos artistas e archeologos tão util campo de estudo como o Sabugal.

Quem visitar esta antiga villa, ha de sentir-se agradavelmente impressionado, especialmente na primavera, ao contemplar o majestoso, imponente panorama que se lhe offerece á vista ao aproximar-se da velha ponte do Coa.

A vetusta cidadella com suas muralhas e ameias, revestidas de lichen e de hera verdejante, que ali se prende e desenvolve luxuriantemente, com seus toscos e fortes torreões, com a mais bella e majestosa de quantas torres de menagem conhecemos, tambem coroada de ameias, onde as pombas descansam, e de secção pentagonal, tendo em cada face seteiras para dois andares e abertos para o ultimo portaes, que dão accesso a curiosas e caracteristicas varandas, de altos parapeitos e com orificios nas soleiras, pelos quaes outr'ora podiam deitar agua quente e pez derretido sobre o inimigo, não póde deixar de produzir no espirito do visitante a mais intensa e agradável impressão.

É realmente formoso esse quadro, que offerece a velha fortaleza, sobretudo do sul e do poente, em cujas muralhas e torreões se ostentam formosas cobertas de vigorosa hera, que ali vegeta atrevida e altaneira, ornamentando portaes e guaritas, torreões, muros e balesteiras de arruinadas barbacãs; é pitoresco aquelle variado panorama embelezado pela velha ponte, pela cidadella a mirar-se constantemente no açude com as arvores da ingreme encosta que bordam a estrada e os amieiros das margens do Coa e a piedosa ermidinha do Senhor dos Afflictos e esguios cyprestes que a vigiam.

E, para maior interesse e belleza d'este quadro, alegres e formosas lavadeiras batem com a roupa nos lavadouros de schisto, ajoelhadas ao pé de agua, entoando alegres, suaves canções, em côro com o murmurio do rio que perto se despenha do açude e se converte em vasto lençol de espuma, perto do moinho, onde as mós ensurdecem o moleiro no seu supplicio incessante, de moer o negro centeio e o alvissimo trigo.

Deixemos, porém, as formosas raparigas e façamos uma rapida e singela descripção da

Cidadella

Esta é formada por quatro elevadas muralhas, um mixto de alvenaria e cantaria, de quatro fortes torreões, dois nos angulos da face occidental, um no angulo que une a face do norte com a oriental, perto da torre de menagem, e o quarto quasi a meio da face do sul. Todos estão muito arruinados na parte superior, privados já de ameias e dos portaes que davam accesso ás largas muralhas que os ligavam.

No cimo d'estas ainda se passa agora, usando de certas precauções, indo junto do estreito e baixo muro ameado e revestido de hera e onde

existem muitas seteiras cruciformes δ , onde a hera se prende e enrola em graciosas molduras.

Imponente é também o panorama que do alto d'estas muralhas, especialmente do lado occidental, se contempla, observando-se todo o recinto fortificado, hoje convertido em cemiterio, lugubre cidadella dos mortos, cujas campas nos trazem á memoria a lembrança de muitos entes queridos e illustres filhos d'esta villa.

Excepto na muralha do poente, em todas as outras existem toscas e por vezes perigosas escadarias, desgastadas e polidas por muitas gerações através de tantos seculos, onde a herva crêsce nas fendas da silharia granitica e nos carcomidos degraus.

Mais de um visitante tem parado a meio da ascensão; e até um illustre juiz, sentindo a vertigem do abysmo quando visitava a vetusta e notavel fortaleza, teve de descansar e reparar as forças antes de descer.

Em volta d'estas chamadas muralhas e torreões outras de mais exiguas dimensões existem para defesa do fosso, hoje convertido em hortas e quintaes.

Duas são as entradas da cidadella, uma a leste, proximo da torre, e outra a oeste, ambas defendidas por fortes muros ameados, e munidos de seteiras cruciformes, especie de baluartes que communicavam com o fosso.

A entrada principal é a que fica a leste da fortaleza, contigua á torre de menagem, ao norte d'esta, tendo por cima do portal em arco um pequeno campanario, cuja sineira ou ventana era ao mesmo tempo portal com que da muralha se communicava com uma varanda, de que só restam vestigios, igual ás da torre.

O fortim ou pequeno baluarte que defendia esta entrada como que abraça a torre, restando d'elle ainda os muros ameados e o portal de que noutro ponto falámos, no interior em arco e em cuja verga existem as armas do tempo da restauração.

Estava ali a ponte levadiça.

O postigo aberto na muralha do occidente era a outra entrada da cidadella, tendo em frente outro muro de menores proporções, existindo em cada extremidade uma guarita, havendo ainda perto da que fica do lado do sul, e proximo do torreão, um largo e alto portal, onde se vê o sulco destinado á collocação da tranca da porta.

Entre este muro e a alta muralha da cidadella ficava um grande recinto, cheio agora dos destroços que o vandalismo em toda a parte produz.

Para se avaliar da solidez da construcção d'este muro basta dizer que nelle foi aberto um grande arco pelos destruidores que por ali tem

passado aos milhares e através dos seculos, uns roubando pedra, outros por maus instinctos para assistirem á derrocada, minando os alicerces, deixando o muro num estado de maravilhoso equilibrio, para que muito concorre a hera bemfeitora.

No recinto da cidadella havia encostadas á muralha muitas casas, naturalmente destinadas á guarnição da praça, alem da atafona e do poço ou cisterna, ha muitos annos entupida.

Nas muralhas ainda se vê sinal de ali assentarem os barrotes e restos do cabouco. Para rematarmos a noticia a respeito do recinto fortificado podiamos copiar algumas inscrições de lapides sepulcraes, mas apenas vamos copiar parte da que se vê na campa do Dr. João de Campos Pereira Barreto:

De Pinhel a Covalhana,
E de Monforte a Lisboa,
Saudoso pranto inda mana,
Seu nome honroso inda soa.

A torre de menagem

É incontestavelmente das mais fortes e notaveis do pais a torre de menagem do castello de Sabugal, não só pela sua forma de secção pentagonal, mas sobretudo pela sua solidez e gigantescas proporções, tendo mais de 28 metros de altura e 41 de perimetro, segundo temos ouvido dizer.

Fica encostada á muralha oriental que forma um dos lados da cidadella. Nesta muralha existe uma elevada e estreita escadaria de cantaria, igual ás da muralha do norte e do sul, e por ella se sobe ao cimo e d'ali se passa para o primeiro andar da torre, passando pelo portal que deita para a muralha e que está alguns decímetros acima d'esta. Até ao primeiro andar a torre é massiça, ao contrario do que julgavam alguns sonhadores de thesouros, que acreditavam ter ella um grande vão onde havia muitas riquezas, communicando esse imaginario rés-dochão com o rio Coa. Tudo isso não passa de fantasia popular. O primeiro andar communica por meio de uma escada de caracol com o segundo, que assenta sobre a abobada que forma o tecto do primeiro. D'este segundo andar passava-se ao terceiro que era de madeira, assim como a escada, ha muito desaparecidas, podendo por isso ver-se do pavimento do segundo a abobada do terceiro em que assenta o eirado da torre.

Os andares tinham largas aberturas para luz e terminavam em seteiras no exterior, mas o terceiro tinha communicação com cinco fortes e caracteristicas varandas de cantaria, a que o povo chama arquetas,

de altos parapeitos, especialmente em frente dos respectivos portaes; abertos na torre e na soleira buracos por onde podiam lançar agua quente ou pez derretido sobre os assaltantes. Estas varandas serviam ao mesmo tempo para darem luz ao terceiro andar e para se vigiar por ellas o inimigo e impedir a entrada.

Por uma abertura praticada na ultima abobada passava-se ao vasto eirado da torre, cercado de altos parapeitos ameaçados, onde se notam já mutilações produzidas por faiscas electricas. Do eirado domina-se toda a cidadella, com seus muros, adarves, barbacãs, torreões e guaritas num vastissimo e variado horizonte, de poucos conhecido por ser de difficil accesso, em razão de não haver escada que o ligue ao segundo andar. Numa das abobadas vê-se o escudo das quinas, como já se affirmara na *Monarchia Lusitana*.

As aguas pluviaes que caiam no eirado saiam por uma gargula que deita para a face do sul.

Vem a proposito narrar um facto, que muito deu que falar, praticado ha muitos annos, e que tornou vulgar o nome do Basilio das Quintas de S. Bartolomeu, e que elle confirmava sempre que a tal respeito o interpellavam.

Era o Basilio um homem popular, habilidoso, mas sobretudo arrojado e temerario.

Sendo apaixonado pela musica, lembrou-se de fazer uma rabeca com que acordava e arreliava os vizinhos a altas horas da noite. Um dia, ao amanhecer, foi encontrado numa rua sem dar acôrdo de si, tendo um grande ferimento no frontal, cujo osso estava fracturado. Nunca disse quem o ferira, talvez nem mesmo o soubesse, mas tambem nunca se viu que um homem resistisse a tão grave ferimento que lhe deixou um grande orificio, que nós observámos, de grande profundidade.

Era bastante este facto para o tornar célebre, mas um outro o tornou ainda mais conhecido.

Num dos muitos dias em que elle andava alegre, dominado pelo vinho, que era a sua paixão, subiu ao eirado da torre, trepou ás ameias, d'ali desceu á gargula, e, segurando-se com as pernas em volta d'esta e com a cabeça virada para o abysmo, começou a tocar o fandango na sua famosa rabeca!

Os sons d'esta foram ouvidos pelos vizinhos do castello, que a custo conseguiram saber de onde partiam, incrivel como era que o temerario Basilio ali estivesse. Ficaram horrorizados, quando o viram tocando pendurado da gargula ou cachorro, como lhe chamam ali, e ninguem julgava que elle voltasse ás Quintas; mas não tardou que, revestido do mais extraordinario sangue frio, voltasse ás ameias, ao eirado e des-

cesse até ao cemiterio, e d'ali para a sua aldeia depois de ouvir as mais acrés censuras por tamanha temeridade, que produziu calafrios em quem a presenceou e ouve contar.

O Basilio, muitos annos depois d'isto, appareceu morto numa rua das Quintas de S. Bartolomeu.

*

Completando a noticia a respeito da antiga villa do Sabugal, intramuros, digamos algumas palavras acêrca da torre chamada actualmentê do relógio, e que se tornou célebre por causa do notavel poeta e capitão Brás Garcia de Mascarenhas.

A torre fica perto da praça, encostada á velha muralha que cercava a villa, onde existe a tosca escadaria que lhe dá accesso. Fica a leste da antiga povoação, junto de uma das entradas d'esta, sobrepujando o arco o escudo das quinas encimado pela coroa real entre duas esferas.

Em frente d'esta porta dizem ter existido outra, aberta noutra muralha.

A torre é elevada, e sobre ella foi alçado um campanario de uma só ventana, onde se vê o sino do relógio, que ha muitos annos ali existia e que foi substituído por outro em 1906.

Os andares da torre eram de madeira, de que não restam vestígios, tendo um d'elles, o superior, accesso pela porta aberta na face occidental um pouco acima do nivel da muralha onde existe a escadaria de que já falámos.

O meio do chão tem accesso por uma pequena porta em arco, tão baixa que uma criança de 10 annos terá de se curvar para passar por ella.

Diz-se que nesta torre esteve preso muito tempo o autor do *Viriato Tragico*, Brás Garcia de Mascarenhas, natural da villa de Avô e chefe da companhia dos Leões, fundada em Pinhel, e que, por altos serviços prestados á patria, fôra nomeado governador da praça de Alfaiates, que fica a 18 kilometros pouco mais ou menos do Sabugal, perto da fronteira de Hespanha.

Sucedendo ter entrado em Portugal um troço de cavallaria e gente armada, e não obstante ter ordem do governador da provincia, Sancho Manuel, para não sair da praça, certo é que, ou por conselho ou ordem de Fernão Telles, governador do districto, ou por impulso natural, perseguiu o inimigo e tomou os gados que este roubara nas povoações portuguezas da raia e levava para o seu país.

Despeitado por tão glorioso feito, não perdeu o governador da provincia ensejo de o perseguir e castigar, envolvendo-o numa intriga vil e accusando-o injustamente de ter correspondencia com o governador de uma praça hespanhola, de appellido Caracau ou Macacau, segundo outros, e de assim trahir a sua patria.

Não lhe valeram protestos, e em breve era enclausurado na torre de que nos estamos occupando, por ordem de Sancho Manuel, onde esteve incommunicavel. O engenhoso poeta julgou-se perdido, e teria morrido de fome e desgosto, se uma ideia luminosa lhe não viesse á mente attribulada pelo procedimento do seu perseguidor.

Pedi um livro para se entreter na triste, medonha clausura, e foilhe enviado o *Flos Sanctorum*,—por ser o que mais convinha a quem estava em tão critica situação e tão perto da morte, pensaram os seus algozes, mal suspeitando o engenhoso intento do valente capitão.

Apenas de posse do precioso livro, não se entreteve a ler a vida dos santos varões, que a igreja canonizara, mas a cortar as margens das folhas do livro, onde depóis de unidas, formou uma grande tira de papel, na qual compôs uma carta em verso aproveitando palavras do livro e cortando letras para formar outras que ia collando no papel.

Concluida tão engenhosa quanto original epistola conseguiu entregá-la a uma sentinella, tambem de Avô, lançando-lh'a por uma seteira da torre em cruz, ò como as da cidadella, sendo enviada ao irmão do poeta.

Reinava então em Portugal D. João IV, a quem quarenta homens, que foram quarenta heroes, como que obrigaram a ser rei.

El-rei recebeu a carta, e ficou tão suprehendido e admirado pela engenhosa lembrança e defesa feita pelo poeta, que ordenou ao seu secretario de estado, Francisco de Lucena ¹, que mandasse vir o preso á sua presença.

Chegado á presença de el-rei, este ouviu-o attentamente; e reconhecendo pelo que lera na carta e de viva voz lhe dissera que fôra victima da mais feróz injustiça, não só o condecorou com o habito de Avis, como tambem o restituiu ao governo da praça de Alfaiates, nomeando-o tambem inspector de cavallaria.

Pena é que tal carta não chegasse a nossos dias, que seria um documento valioso não só para demonstrar o talento do poeta, mas tambem para evidenciar como naquella epoca se praticavam tão crueis injustiças.

¹ Em 1642 era Francisco de Lucena decapitado como traidor á patria.

Infelizmente, porém, nem copia jamais lográmos ver d'esta carta, cuja existencia é attestada pela tradição oral no Sabugal e confirmada tambem pela tradição escrita.

Nada ha mesmo que possa pôr em dúvida este episodio da vida do poeta, tanto mais verosimil quanto é certo ter existido o facto que lhe deu origem.

Talvez ainda venha a esclarecer-se-me mais este assunto, de modo que não fique com foros de lenda este episodio, como alguns scepticos e respeitaveis criticos pretendem considerá-lo, sem darem valor á tradição oral e escrita.

(*Continúa*).

J. MANOEL CORREIA.

Estação paleolithica do Casal do Monte

Quem, seguindo a calçada de Carriche, chegue ás portas de Lisboa, encontra-se em frente de dois caminhos: tomando pelo da direita, isto é, pela estrada que vae ter á Povoação de Santo Adrião, depois de ter passado uma ponte de alvenaria, chamada *da Povoá*, que atravessa um rio, sêco durante o verão, chega áquella localidade; seguindo depois o caminho que vae ter ao «Cemiterio velho» (como ali lhe chamam), e continuando pela azinhaga, encontra-se em frente de uma montanha.

É ali a estação paleolithica.

Fica esta no cume do monte que sobresa e a todos em redor. É coroado por um marco geodesico que se distingue perfeitamente de longe.

Existem tambem por ali bastantes nascentes, e no sopé do monte corre o já mencionado ribeiro: temos pois alguns dos requisitos que as necessidades do homem primitivo pediam.



Fig. 1.^a